



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

VIVÊNCIAS INCLUSIVAS: REFLEXÕES SOBRE A SEMANA DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA

Iz Cunha Moreira Monteiro

Estudante do Mestrado Profissional em Artes da Cena (ESCH)

E-mail: izcunha@hotmail.com

Rafaele Lima Batista Oriá

Estudante de Doutorado em Psicologia (UNIFOR)

Email: rafaele.oria@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma experiência de inclusão vivenciada durante a Semana da Inclusão em uma escola pública de Fortaleza, abordando a importância de promover a conscientização sobre diversidade e respeito às diferenças. A justificativa para a realização deste evento se baseia na necessidade de um ambiente escolar acolhedor, que respeite e valorize a singularidade de cada aluno. Os objetivos incluem sensibilizar a comunidade escolar sobre a inclusão, promover o diálogo e a reflexão acerca das diferenças, bem como proporcionar experiências práticas que estimulem a empatia. A metodologia empregada consistiu em quatro dias de atividades, que incluíram palestras, dramatizações e rodas de conversa, culminando na presença do cantor e compositor Guilherme Dantas, que compartilhou sua trajetória como pessoa cega. Os resultados revelaram uma significativa transformação nas percepções dos alunos sobre inclusão e acessibilidade, destacando a importância de educar para a diversidade. As conclusões evidenciam que ações como a Semana da Inclusão são essenciais para construir uma cultura escolar inclusiva, promovendo um ambiente de respeito e aprendizado mútuo.

Palavras-chave: Inclusão. Diversidade. Acessibilidade. Educação.

Introdução

A inclusão escolar é um dos temas centrais nas discussões sobre educação no



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Brasil, especialmente no contexto das escolas públicas, onde o desafio de atender às necessidades de alunos com deficiências ou dificuldades de aprendizagem se intensifica. Com base na legislação vigente, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, busca-se promover um ambiente educacional acessível e equitativo para todos os alunos. No entanto, o processo de inclusão vai além do cumprimento de normas, sendo essencial a sensibilização e o engajamento de toda a comunidade escolar.

Este artigo relata sobre uma experiência de inclusão vivenciada durante a "Semana da Inclusão", realizada em uma escola pública de Fortaleza. O evento proporcionou atividades interativas, oficinas e debates que envolveram alunos, professores, gestores e famílias, com o objetivo de promover a conscientização e a prática inclusiva no cotidiano escolar.

O principal objetivo é apresentar as estratégias pedagógicas e as ações de sensibilização realizadas, bem como os impactos observados na percepção dos participantes sobre a inclusão. Além disso, como objetivo secundário, pretende-se destacar os desafios enfrentados e as aprendizagens resultantes dessa experiência, oferecendo subsídios para a reflexão sobre práticas inclusivas em outros contextos escolares.

A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base na observação participante, diário de observação e análise documental das atividades desenvolvidas durante a semana da inclusão. Os dados foram analisados à luz de referenciais teóricos da educação inclusiva.

A relevância deste estudo reside na necessidade urgente de se discutir e compartilhar boas práticas de inclusão, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, como as escolas públicas de periferia. Ao trazer à tona essa experiência, busca-se inspirar outras escolas e educadores a implementar ações que contribuam para a construção de um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos os alunos.

Metodologia

A metodologia utilizada para a Semana da Inclusão na escola pública de Fortaleza foi planejada de forma a garantir a participação ativa dos alunos e promover uma compreensão aprofundada sobre os conceitos de inclusão, diversidade e respeito às diferenças. As atividades foram estruturadas para cada um dos quatro dias de programação, envolvendo discussões teóricas, práticas de dramatização e experiências pessoais de convidados especiais.

No primeiro dia, a proposta foi iniciar o processo de conscientização por meio de uma roda de conversa, onde os alunos foram convidados a refletir sobre as definições de inclusão, exclusão, segregação e integração.

No segundo dia, a metodologia se voltou para a dramatização do livro “A Joaninha sem Bolinhas”, de forma a permitir que os alunos se envolvessem com a história de maneira lúdica.

O terceiro dia foi pensado para que houvesse um convidado que contasse suas experiências como pessoa com deficiência. A metodologia adotada para essa atividade incluiu uma apresentação interativa, onde o cantor e compositor Guilherme Dantas falou sobre sua trajetória musical e os desafios que enfrentou ao longo de sua vida.

A conversa foi seguida por uma roda de discussão, onde os alunos puderam fazer perguntas e debater sobre o uso da bengala, os meios de locomoção e a importância da acessibilidade na arquitetura.

A metodologia da Semana da Inclusão foi fundamentada em uma perspectiva de ensino colaborativo e participativo, onde as experiências vividas e compartilhadas serviram como catalisadoras de mudanças nas atitudes e percepções dos alunos. As atividades foram planejadas para promover a sensibilização sobre a inclusão e a diversidade, integrando teoria e prática de maneira a engajar a comunidade escolar em um processo de transformação social e educacional.

Através de observações participantes durante as atividades, os educadores



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

puderam registrar as reações dos alunos, suas interações e reflexões, permitindo uma análise rica e contextualizada das experiências vivenciadas. Além disso, foram realizados registros em áudio e vídeo das rodas de conversa e dramatizações, proporcionando um material valioso para análise posterior e reflexão sobre os impactos das atividades.

Assim, a metodologia adotada para a Semana da Inclusão não apenas proporcionou uma experiência rica e diversificada, mas também gerou um conjunto de dados que possibilita uma avaliação crítica e reflexiva sobre os caminhos trilhados na promoção de uma educação inclusiva na escola.

Referencial Teórico

Mantoan (2003) traz uma reflexão profunda sobre o conceito de inclusão no contexto escolar, destacando a importância de uma transformação no sistema educacional para acolher a diversidade. Ela defende que a inclusão escolar não se trata apenas de integrar fisicamente alunos com deficiência nas salas de aula regulares, mas sim de reestruturar toda a dinâmica pedagógica para que todos os alunos possam aprender em conjunto: “A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retrazando” (Mantoan, 2003, p.12). Para ela, “[...] incluir é não deixar ninguém de fora da escolar comum, ou seja, ensinar a todas as crianças, indistintamente!” (Mantoan, 2003, p.18), o que significa que o processo educativo deve ser adaptado às necessidades e potencialidades de cada aluno, superando modelos tradicionais que excluem ou marginalizam.

A autora enfatiza que a inclusão é um direito de todos os estudantes e não apenas uma concessão para aqueles que possuem alguma deficiência. Ela critica a segregação histórica de alunos com deficiência, que, por muito tempo, foram educados em instituições especializadas, distantes do convívio com os demais.

Segundo Mantoan (2003), esse modelo reforça preconceitos e limita o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva. Em vez disso, a escola inclusiva



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

deve ser vista como um espaço de aprendizagem coletiva, onde as diferenças são valorizadas e entendidas como parte do processo educativo. A autora argumenta que a inclusão é um movimento de transformação social e educacional, e que, por meio dela, todos os alunos, com ou sem deficiência, têm a oportunidade de aprender juntos e se beneficiar da convivência com a diversidade.

Mantoan (2003) também apresenta as novas arquiteturas pedagógicas, como um caminho para a efetivação da inclusão nas escolas. Esse conceito envolve a necessidade de reorganizar tanto o espaço físico quanto as práticas pedagógicas para que se tornem mais flexíveis e acolhedoras.

Ela defende que as metodologias utilizadas no ambiente escolar devem ser diversificadas e capazes de atender a diferentes estilos e ritmos de aprendizagem. Para a autora, isso inclui a adoção de práticas colaborativas, a construção de projetos interdisciplinares e a utilização de ferramentas e recursos que possibilitem o acesso de todos ao conhecimento. A presença do professor como mediador é fundamental nesse processo, atuando para integrar os alunos, promover o respeito às diferenças e estimular a aprendizagem coletiva (Mantoan, 2003).

A citada autora destaca também que a inclusão escolar só será plenamente possível se houver um esforço conjunto entre gestores, professores, alunos e a comunidade (Mantoan, 2003).

Para Mantoan (2003), a inclusão não é uma tarefa simples, exigindo mudanças culturais e pedagógicas profundas. Ela alerta para a necessidade de formação continuada dos profissionais da educação e de políticas públicas que apoiem e garantam o direito à educação inclusiva.

Complementando a ideia, Sassaki (2007) esclarece que a inclusão tem como base o princípio da igualdade de oportunidades e o respeito às diferenças, o que implica uma transformação profunda nas estruturas sociais e educacionais. Ele critica a visão integracionista por seu caráter seletivo e, muitas vezes, excludente, já que somente os indivíduos que conseguiam adaptar-se ao sistema predominante eram considerados aptos



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

a participar. A inclusão, por sua vez, reconhece e valoriza a diversidade humana, sendo um processo contínuo e dinâmico, em que a sociedade e a escola se reorganizam para garantir que todos, independentemente de suas limitações, possam viver e aprender juntos.

Quando se fala de inclusão, é preciso compreender as condições que envolvem as pessoas com deficiência. Em outra obra, Sassaki (2003) discute a importância da terminologia utilizada para se referir às pessoas com deficiência, abordando o impacto que as palavras têm na construção de uma sociedade inclusiva. Ele argumenta que a maneira como se refere a essas pessoas não é meramente uma questão semântica, mas reflete valores, atitudes e concepções sobre deficiência.

A escolha das palavras pode perpetuar preconceitos e estigmas ou, ao contrário, promover o respeito e a inclusão. Segundo Sassaki (2003), o uso adequado da terminologia é fundamental para assegurar o reconhecimento da dignidade e dos direitos das pessoas com deficiência.

Ao longo do texto, Sassaki (2003) apresenta um histórico das nomenclaturas utilizadas no Brasil, evidenciando como as terminologias foram evoluindo ao longo do tempo. Ele aponta que termos como "aleijado", "inválido" e "incapacitado", amplamente utilizados no passado, reforçavam a visão assistencialista e negativa da deficiência, associando-a a limitações insuperáveis e à dependência. Com a evolução do debate sobre direitos humanos e inclusão, houve uma mudança gradual para expressões mais respeitadas e assertivas, como "pessoa com deficiência", que é atualmente a forma recomendada tanto pela legislação brasileira quanto por organismos internacionais, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU.

A relevância desse debate, segundo Sassaki (2003), vai além da linguagem. Ele argumenta que a escolha adequada das palavras contribui para a construção de uma cultura inclusiva, onde as pessoas com deficiência sejam vistas como cidadãos plenos, com direitos, responsabilidades e capacidades. Ao usar termos que respeitam sua identidade e sua condição, se promove uma visão de inclusão e igualdade, reforçando a ideia de que a deficiência é apenas um dos muitos aspectos da diversidade humana.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Fica evidente que a inclusão escolar e social vai muito além de uma simples mudança estrutural ou terminológica. Ela envolve um movimento de transformação profunda em que o ambiente educacional e social se adapta para acolher e valorizar a diversidade humana em todas as suas formas. A inclusão implica uma mudança cultural, exigindo que a escola seja repensada como um espaço de aprendizado coletivo, onde todos, com ou sem deficiência, possam conviver e aprender juntos.

Tudo isso ressoa diretamente com a experiência narrada no artigo, onde a inclusão foi vivenciada como um processo coletivo de aprendizado, integração e respeito às diferenças.

Resultados e discussão

Os resultados da Semana da Inclusão promovida na escola demonstram o impacto significativo de atividades que abordaram a conscientização sobre inclusão e diversidade de maneira prática e acessível. Cada um dos quatro dias de programação foi cuidadosamente planejado para explorar aspectos essenciais da inclusão, promovendo reflexões e diálogos profundos entre os alunos.

No primeiro dia, a abordagem dos conceitos de inclusão, exclusão, segregação e integração proporcionou para a comunidade escolar o conhecimento teórico sobre esses aspectos. A partir dessa discussão, realizada em salas de aula e de uma representação teatral com alguns alunos, no momento da acolhida, assistida por todos os alunos da escola, se pode compreender que a inclusão não se resume à presença de estudantes com deficiência em salas de aula regulares, mas exige uma transformação no ambiente escolar, para se garantir o aprendizado e a participação de todos, sem exceções. Esse momento foi fundamental para nivelar o entendimento sobre o que realmente significa incluir e acolher a diversidade.

No segundo dia, a dramatização do livro “A Joanelha sem Bolinhas” trouxe a narrativa envolvente de uma joanelha que se destaca dos outros insetos do jardim por não



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

ter bolinhas em suas asas. Inicialmente alvo de olhares curiosos e discriminatórios, a joaninha encontra uma amiga que a ajuda a reconhecer seu valor e a se amar como é. A história destaca a importância de respeitar as diferenças e de usar a criatividade para combater o preconceito e a discriminação. A mensagem central de que o que importa é ter um bom coração e enxergar o mundo sem distinções (com ou sem bolinhas) tocou os alunos, incentivando uma reflexão lúdica sobre aceitação e empatia.

No terceiro dia, se recebeu a visita especial de Guilherme Dantas, cantor, compositor e sanfonista com deficiência visual desde o nascimento. Ele começou no universo da música aos quatro anos, aprendendo teclado de ouvido, e desde então desenvolveu uma trajetória brilhante, conquistando prêmios em concursos e se destacando como instrumentista. Sua presença trouxe uma dimensão prática ao conceito de inclusão, ao compartilhar sua experiência de vida e as superações que enfrentou no dia a dia.

O cantor e compositor Guilherme Dantas encantou os alunos ao falar sobre sua jornada musical e sua vida como pessoa cega, quebrando estereótipos e inspirando a todos com sua resiliência. Após sua fala, foi realizada uma roda de conversa sobre o uso da bengala, os meios de locomoção e a importância de uma arquitetura acessível, o que permitiu que os alunos refletissem sobre as barreiras cotidianas enfrentadas por pessoas com deficiência e as soluções que podem promover uma sociedade mais inclusiva.

Essas atividades contribuíram para criar um ambiente de aprendizado coletivo, em que os alunos puderam vivenciar e discutir a inclusão de forma ativa e reflexiva. O impacto dessas ações foi evidente, não apenas na conscientização dos alunos e professores sobre a importância de promover a diversidade, mas também na sensibilização de toda a comunidade escolar para a necessidade de continuar transformando o espaço escolar em um lugar acessível e acolhedor para todos.

Considerações finais

Destaca-se a importância da Semana da Inclusão na promoção de uma cultura



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

escolar mais inclusiva. Durante quatro dias de atividades, se abordou temas fundamentais como a diferença entre inclusão, exclusão, segregação e integração. A dramatização da história "Joaninha sem Bolinhas" possibilitou aos alunos refletirem sobre a aceitação das diferenças e a valorização do que realmente importa.

A presença de Guilherme Dantas foi um ponto alto da semana. Sua experiência como pessoa cega trouxe uma perspectiva rica e inspiradora, permitindo que os alunos compreendessem a importância da acessibilidade e do respeito às particularidades de cada um. A roda de conversa sobre o uso da bengala e os meios de locomoção reforçou a necessidade de um ambiente escolar que respeite e acolha todos.

Enfim, o objetivo de educar e sensibilizar a comunidade escolar para a diversidade foi alcançado e a experiência mostrou que, ao promover a inclusão, se está construindo um espaço de aprendizado e respeito mútuo.

Referências

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? porquê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Nada sobre nós, sem nós**: Da integração à inclusão – Parte 2. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 58, set./out. 2007, p.20-30.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Como chamar as pessoas que têm deficiência?** Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados, ano I, n. 1, 1º sem. 2003, p.8-11.